

Musas da Sétima Arte

Musa é contemplação sob a forma do platonismo. Elevação da idéia, separação possível do bem e do mal. Espiritualização de instintos em nome de um ideal. Ela sempre habitou o imaginário dos homens. Jogou com a solidão dos poetas e iluminou a tela dos pintores. A inspiração era uma ação do sujeito, mas este se deixava levar pela aura da mulher, fazendo com que a obra fosse um tipo híbrido de sedução e idealização.

Estes eram tempos em que artistas e musas se pertenciam. O cinema aproximou a cena, e da sensação de tele-presença, também nasceu a relação da musa com os espectadores. O imaginário da sétima arte é uma idéia platônica, fábula do mundo verdadeiro, mas que inunda de imagens os pensamentos em tal relação virtual.

Visto que cada ente capturado nas teias da sedução atualiza para si a imagem de ideal feminino e passa a viver, particularmente, um romance sem objeto, apenas vontade de ilusão. Uma desterritorialização do atual, subjetividade que se desprende e se reterritorializa em um virtual relativo, corte no plano de imanência, como pensa Deleuze, ou, desde outra perspectiva deleuziana, as musas como personagens conceituais inventados em um plano de imanência instaurado com a intenção de criar conceitos.

Entes de um plano transcendente, pilares de uma verticalidade, já que as musas do cinema são intocáveis e não são reais. São parte da fábula do real, uma ilusão de contato. Uma virtualidade, com

Francisco E. Menezes Martins

repercussões existenciais indelévels.

A partir do platonismo, uma musa se torna perfeita, uma imagem alimentada pelo desejo de perfeição. Exuberância de formas corpóreas, olhos hipnotizantes e personalidade interpretada em sintonia com os papéis em filmes.

Não só a musa, mas a cena do desaparecimento do real em nome da ilusão do relacionamento sem objeto, sem diálogos, sem cena primitiva. Apenas a representação em vias de se tornar o simulacro de um tempo e um espaço imaginal que é o horizonte de uma religiosidade que ocupa o lugar da alteridade. Mulher idealizada, perfeita, superior às simples mortais, idolatrada e sonhada, desejada e perdida. Elevada ao plano transcendental marca o fim imanente da alteridade artista/musa e o início da sedução do imaginário. Vertigem dos sentidos, eclipse da razão. É como respirar o ar rarefeito das alturas.

O cinema coloca as musas ao alcance do imaginário social. Mitologia com formas de mulher, semi-deusas, Divas da nostalgia de uma proximidade distante. Sonhos iluminados numa sala escura. Projeções de desejos. Vontade de virtual. Monismo (Leibniz) a partir de um dualismo (Platão), que coloca o imanente e o transcendente em um mesmo plano, proporcionando a potência como vontade e levando-a ao desejo irreversível e a perda na desterritorialização da sedução.

Uma atriz não se torna musa por si própria,

nem pelos estímulos dos estúdios cinematográficos. Até pode ser que uma bela atriz, com marketing e circulação na mídia chegue a obter os mesmos efeitos que são marcas de uma musa. Também não se trata de propor uma distinção entre verdadeiro e falso, mas de se conhecer rotas alternativas de sedução que levam o espectador à sedução pelo transcendental feminino.

Surge na mente de cada um, o conceito de musa da sétima arte. Quem são? Ou quem eram? Ainda existem? Ou se dispersaram na irradiação das top-models e outras rivais no imaginário dos homens. Cada qual possui sua musa, mas articula uma relação de rotação platônica. Ora um modelo de transcendente, ora outro. A cristalização de um em detrimento de outro talvez tenha sido há algum tempo. Hoje parece haver uma corrida de pretendentes, onde na alternância nos pódiums da evidência, a beleza pode parecer efêmera, por mudar de forma a cada nova rotação de discursos renovados e redimensionados a cerca da “musa da vez”.

Porém, a beleza feminina deve circular e ornamentar o mundo, assim como faz a comunicação, que aspira sempre à maior órbita. Deste modo, mulheres e comunicação pertencem ao jogo da sedução. Dividem o imaginário. Ambas apostam no virtual, no desejo que se perpetua na ausência de materialidade.

Uma atriz como Marilyn Monroe, por exemplo, está perpetuada por seus simulacros. Da mesma forma, Sharon Stone, Demi Moore, Julia Roberts, Cameron Díaz, Irene Jacob e Penélope Cruz, entre outras, nasceram para o cinema e passaram a habitar a aura das musas, um feixe de luz para a imortalidade virtual. Não há original sem cópia, atualmente. Seria como um corpo sem sombra. O que não significa uma proposta de se fazer um ranking das melhores estrelas. Pode haver aquelas que

obtiveram um êxito profissional invejável, mas por este motivo, não se tornaram uma musa maior que outras. Apenas tiveram um maior número de admiradores, já que para cada espectador, sua musa é insubstituível, não importando o tipo de filme ou a crítica especializada, a favor ou contra a obra.

Não há musa apriori. Somente a figura feminina nas imagens que, como relâmpagos, recortam o horizonte do imaginário de cada homem.



* Doutor em Ciências da Comunicação – UCM/Espanha
Professor do PGCOM – FAMECOS/PUCRS